

07-09-52



POESIA PERDIDA

Sérgio Buarque de Holanda

O NOME de "geração de 22" que os chamados modernistas aceitaram com certa indiferença quando se tinha tornado praticamente inelutável, e o outro, mais recente ("geração de 45"), que alguns autores forjaram e forçaram, desta vez com fervor minucioso, proporcionam vantagens e desvantagens, que não de ser cautelosamente pesadas pelo futuro historiador de nossa literatura.

As vantagens parecem inegáveis, ao menos do ponto de vista da clareza didática. Esse vago ar de família que tende a associar entre si os indivíduos de cada época ou idade é bastante eloquente, em alguns casos, para se tornar imediatamente acessível à imaginação e à inteligência. Recorrer, para bem delimitá-la, a esta simples palavra — "geração" — é, com uma penada, dispensar a exigência de explicações prolixas, que em regra nada explicam e servem apenas para suscitar confusões e equívocos.

Por outro lado, o gosto da clareza só é verdadeiramente estimável a é certo ponto: até ao ponto em que não sirva para deformar, em benefício de um singelo esquematismo as realidades múltiplas e complexas. E quem nos diz que a devoção aos lemas gregários provenha sempre da noção nítida dos valores coletivos que cada grupo pretenderia representar ou encarnar?

UMA DAS missões do crítico e do historiador está justamente em procurar discernir os elementos subjetivos e emocionais que deturpam constantemente aquela noção procurando mesmo substituí-la a ela. No próprio fervor de muitos que tratam de impor ou defender em termos de geração todos os seus pensamentos, palavras e obras, entra, sem dúvida, um afã compensatório. Pois é certo que o escritor ainda incipiente parece ganhar um acréscimo de audácia, de pugnacidade, de amor próprio e confiança em si, quando pode inscrever-se em um "nós" numeroso e afirmativo. A participação mística no prestígio dessa entidade coletiva representada pela idéia de uma geração ascendente, destinada, talvez, a impor-se num futuro não longínquo, basta para suprir quaisquer hesitações ou fraquezas. E a ela cabe um papel, que não será lícito obscurecer, nesse nosso pendor para ver o curso da história, no caso presente da história literária, sob

o aspecto de uma sucessão de compartimentos estanques e rigidamente distintos.

Que se trata aqui de simples aparência revela-se claramente o fato de existirem autores que se esquivam com obstinação a tamanhos caprichos. O número desses autores não é tão escasso que permita inscrevê-los entre aquelas famosas exceções capazes, conforme se diz, de confirmar a regra. No entanto, o fato de sua existência pareceu-me particularmente significativo quando li há algum tempo esta *Poesia Perdida* de Américo Facó (Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1951). Não sei que razão de humildade ou orgulho determinou o título da obra, e prefiro interpretá-lo com certa margem de liberdade. Perdida é sem dúvida, esta poesia, e desconcertante, para os que medem o valor intrínseco de uma criação artística unicamente pelo seu valor representativo: representativo de uma época, de um lugar, de um clima de opinião ou inspiração. Buscando insistentemente transcender tais limitações, e tendo mesmo, nesse transcender, sua explicação e fundamento, ela não se acomodaria, sem violência, às arregimentações temporais em que tantas vezes se comprazem os historiadores.

E nisto é bem o espelho de um homem que, sem fugir às solicitações do meio, encontrou sempre em seu íntimo a energia necessária para manter intata e bem resguardada sua vocação. Se nos anos de *Klaxon* e de *Estética* essa vocação já bem amadurecida, não o impediu de ligar-se, por laços de amizade e até de afinidade, a alguns dos homens — justamente os mais moços e menos responsáveis — que cuidavam em revolucionar nossa literatura e mesmo nossa linguagem, se chegou a colaborar em suas revistas e a participar, creio eu, de algumas das suas conspirações, a verdade é que foi menos um militante do que um simpatizante sem quaisquer compromissos.

Em nenhum momento deixou o convívio dos seus clássicos portugueses e dos clássicos greco-latinos que vêm formando seu constante aumento espiritual. A liberdade de movimentos, as largas disposições que conquistou e até hoje preservou, procedem, por menos que o pareçam, dessa exata compreensão do passado que só se adquire num assíduo trato, pois

só o amor imperfeito do passado chega a petrificar-nos e tolher-nos no culto ciumento às formas transitórias ou aos seus aspectos epitérmicos e puramente ornamentais.

Porque aprendesse a compreender e viver a verdadeira tradição, colhida em suas próprias nascentes, tornou-se desde cedo inconciliável com essa mímica ou caricatura da tradição que é o academismo. Explica-se, assim, que chegasse a subsistir entre ele e os inovadores mais convictos, algumas áreas de entendimento e compreensão, que o tempo deveria ampliar. Para os mais moços, a capacidade de conciliar na mesma e desenvolta estima um Sá de Miranda e um William Blake, um Gil Vicente e um Paul Valéry ou de fazer inteira justiça — em artigo para *Estética* — a obra de Joseph Conrad, na mesma



época que alguns dos nossos ainda cometiam a barbaridade de ver no autor de *Lord Jim* o "Coelho Neto da Inglaterra", era uma surpresa e era, também, um ensinamento. Ensinava, em particular, que o apetite das coisas do tempo bem pode e deve aliar-se ao gosto do antigo e do perene. E sobretudo ensinava que as mutações mais necessárias e verdadeiramente legítimas ainda têm a presidência da Memória, mãe das Musas.

A UNIDADE e variedade de suas origens deixou na poesia de Américo Facó sua marca indelevel. E também essa ambição suprema de toda grande arte, que consiste em fixar e inconstante e o efêmero sem, para isso, aprisioná-lo nas convenções mortas, acha-se sempre presente nas páginas de quem pôde escrever:

O tempo em flôr e fôlha, menos
Amarga fora esta lembrança,
O mais sutil de teus venenos

(Conclui na 6.ª página)

Poesia perdida

(Conclusão)

Se cansasse do que não can-
[sa...]
Lembrança, filtro acerbo e
[quente,
Que eu bebo e quero mais!
— [espelho,
Mágico espelho contemplado,
Miragem de cristal-vermelho
Que fixa o tempo eternamente
E faz presente do passado!

Vestida de algumas das galas do dia sem desatar-se da tradição lírica lusitana, clássica e moderna ao mesmo tempo, esta arte já teve o privilégio de enfeitar aqueles, como Carlos Drummond de Andrade, que conhecem da poesia os mais íntimos segredos e, tão melhor do que eu, são capazes de julgá-la. Não seria preciso mais para reconhecer seu bom toque.

Remessa de livros:
Rua Haddock Lobo, 1625 —
São Paulo.